



ROLETA DAS EQUAÇÕES

Noé Franco de Jesus
Unipampa
noefrancode@yahoo.com.br

Camila Ferreira Abreu
Unipampa
kamilafabreu@gmail.com

Resumo

Neste trabalho apresentamos as atividades desenvolvidas no PIBID do curso de Licenciatura em Matemática – UNIPAMPA – Bagé. Na essência dos seus objetivos o projeto visa reforçar o contato dos acadêmicos com a realidade escolar, a interação universidade-escola e atuar na formação continuada dos professores. A série em que atuamos, juntamente com a professora supervisora é a 7ª, planejando jogos e atividades diferenciadas para cada conteúdo abordado por ela. Vamos então falar da aplicação de uma de atividades que obteve um resultado além do esperado. O objetivo da atividade é promover um melhor aprendizado de equações e despertar interesse dos alunos pelo conteúdo aplicado. Este jogo, roleta de equações foi criado pelos bolsistas para fixação do conteúdo. Os materiais utilizados foram de baixo custo e recicláveis, poderá ser usado e adaptado para outro conteúdo. O resultado obtido foi aumento da facilidade na resolução das questões através da socialização dos saberes.

Palavras-chave: Aprendendo; equações; brincando.

O jogo aplicado foi à roleta das equações. Os alunos foram divididos ficando cinco em cada grupo, todos ganhavam fichas igualmente (de mesmo valor), após jogavam o dado para ver quem começava primeiro, então todos apostavam conforme a cor que indicava o ponteiro da roleta, ela possuía varias cores: azul, amarelo, verde, branco, vermelho, preto e laranja. Cada cor com um nível de aposta e perguntas, se o aluno acertasse a equação contida na cor indicada ganhava a rodada e seguia o jogo com aposta acumulada. Aquele aluno que perdesse todas as suas fichas poderia recorrer ao banco se acertasse uma equações, se errasse deveria ficar fora do jogo resolvendo uma lista de exercícios. Aquele que terminasse com a quantidade maior em valores de fichas, ganhava o jogo. Esta atividade foi desenvolvida para melhorar o aprendizado dos alunos, pois quando introduzimos o conteúdo notamos que os alunos encontraram



dificuldades em resolver exercícios, mesmo já tendo visto no ano anterior, então decidimos usar fichas para apostas, com as quais eles pudessem brincar e resolver os exercícios.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem ensina ao aprender.

(FREIRE, 1996, p.23)

Acreditando que o ensinar é uma via de mão dupla, ensinamos para que apreendam as alegrias de nossas descobertas, mas ao mesmo tempo estamos apreendendo também com as situações, com os alunos e suas diversidades. E são nessas trocas de experiência que observamos o processo educativo, para o professor e o aluno. Através de uma metodologia diferenciada que vise o lado empírico do aluno e explorando o lado lúdico da utilização de jogos na aprendizagem, pensamos em trabalhar o erro através da brincadeira como estratégia didática que os faça perceber o caminho a percorrer para os acertos e assim vencer o jogo. Sabendo que o caminho é tão importante quanto o destino, concluímos que este tipo de atividade leva ao crescimento global do aluno, pois os encoraja a fazer escolhas e ter consciência do caminho para vitória e ao crescimento experiencial do professor que tem a possibilidade de avaliar as táticas cognitivas dos alunos em busca da melhoria do processo ensino aprendizagem.

Onde quer que você ensine e seja qual for seu publico você sempre ensina alguma coisa a alguém. Não existe professor que não ensine nada. Não existe professor que não ensine a alguém. Todo professor trabalha sobre essa difícil associação entre objetos de saber e sujeitos que devem apropriar-se deles. É por isso que o professor não é um “simples” conhecedor, nem um “simples” psicólogo. Não é tão pouco uma simples justa posição de ambos, é uma outra coisa. Ou melhor alguém diferente. Alguém que tem seu próprio projeto... e é por isso no sentido mais forte da expressão, alguém!

(MEIRIEU, 2006, p.22,)



Como o autor se refere o professor não é somente um agente de conhecimento, da mesma forma que o aluno também é “alguém”, tendo este foco pensamos que o aluno deve saber por que aprende, e a utilidade do conteúdo, o aluno atual requer essa contextualização, para que o mesmo possa ser usado em seu cotidiano.

Desta forma proporcionamos aos alunos que manifestam desinteresse muitas vezes pelas atividades, uma forma inovadora para entendimento dos mesmos conceitos, conscientizando-os a cada dia que precisam destes conhecimentos. E a atividade diferenciada nos proporciona esta leveza, aprendendo brincando, contextualizando a prática e teoria.

Ser exigente em tudo e nos mínimos detalhes, e exigente em relação a mim tanto quanto aos alunos... Nas tarefas mais banais e cotidianas (MEIRIEU, 2006, p.55).

Não podemos nos esquecer de que temos o encargo de formar cidadãos, é necessário que sejamos cientes de nosso ofício e que devemos ensinar o conteúdo para seu aprendizado, e que este fará diferença em sua vida, mas não devemos esquecer que estamos ensinando pessoas. E que existem várias formas de ensinar, é preciso não só instigar os alunos, mas aprender a nos instigarmos.

A exigência que me refiro é aquela que reflete responsabilidade e paixão por seu ofício e não obrigação. É relevante o planejamento, e também a investigação com o aluno sobre qual forma lhe possibilita melhor aprendizagem, se autoavaliar nas coisas banais e cotidianas como relata o autor, sendo assim devemos nos preocupar com todas as questões que envolvem relacionamento professor aluno, e transcrever o bom exemplo de professores que fazem o melhor.

Todo o nosso esforço consiste em despertar a motivação no próprio movimento do trabalho: por isso propomos tarefas aos alunos (MEIRIEU, 2006, p.51).

Quando e como investir no aluno?

Devemos mostrar ao aluno que ele é capaz de realizar as tarefas, pois muitas vezes não as fazem por falta de motivação, já que o sistema em que estão inseridos (famílias desestruturadas, sem planejamento ou perspectivas) é propício a mediocridade por não estimular nem desenvolver sua autoestima. A questão é: o professor é agente de motivação? E como ser esse agente?



Conhecendo ou testando onde pode ir este aluno. Se não fizermos não saberemos o que estes são capazes de fazer e nem tão pouco o aluno saberá.

E no caso daqueles professores que estão desanimados pelo sistema em que se encontram, temos a responsabilidade de motiva-los e não julgá-los, por que hoje ele está nesta situação, e amanhã poderei estar em seu lugar, regido por políticas educacionais que se preocupem mais com índices de aprovação do que com aprendizagem. Devemos trazer a mente tudo que faz ter esperança, e não nos acomodar, “permanecer em movimento”.

A pergunta não é mais: O que vou dizer a eles? Mas o que vou pedir para eles fazer (MEIRIEU, 2006, p.41).

A grande preocupação de hoje é com aprendizado dos alunos, na motivação deles e como mantê-los atentos e como desenvolver neles o desejo de participar e estudar. Sendo que o método que usamos é só uma ferramenta de auxílio, precisamos nos desafiar a pesquisar a analisar a situação de cada em especial, conhecê-los e isso leva tempo, considero importante o ato de autoquestionamento e pensar será que é possível conhece-los, precisamos tentar e ver o que funciona melhor, outrora o professor era mais atento a si, e hoje com o acesso facilitado da informação isso mudou bastante o foco atual é o aluno e as necessidades do mesmo.

O importante não é o que se apreende, mas a forma de aprendê-lo (SAVATER, 1997, p.111).

É preciso não só aplicar uma atividade ao aluno, mas também refletirmos sobre ela de forma sóbria, pensando nos pontos positivos e negativos que serão abordados, também não se deter na ferramenta utilizada, pois se não soubermos usar as ferramentas a favor do aluno e da melhor forma de compreensão preocupando-se com o contexto, essa ferramenta perde sua eficácia e nós o tempo que poderia ser aproveitado com o correto e isso faz parte do planejamento. Um excelente violino sem o talento do violinista e a atenção da plateia não passa de um belo objeto de decoração (MEIRIEU, 2006, p.13).

Tendo em vista nesta prática de jogo que estamos mencionando que os alunos participaram e não queriam parar de jogar, gostaram muito da atividade, se divertiram, ajudaram uns aos outros, no final recolhemos como de costume as folhas de cálculo e avaliação dos alunos, alguns



gostaram tanto que pediram para seguir jogando, esta atividade foi desafiadora para nós, alcançamos neste dia nosso objetivo de ensinarmos e aprendermos juntos com os alunos. Acredito que este projeto PIBID tem incentivado os professores e os alunos de graduação, por estarem inseridos bem cedo na escola e terem a possibilidade de criar e inventar, aprender com o professor experiente e mostrar aos alunos que existem varias formas de aprendizado.

Referências bibliográficas

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à pratica educativa*. 13º ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

MEIRIEU, P. *Carta a um Jovem Professor*. Artmed, Porto Alegre, 2006.

SAVATER, F. *El Valor de Educar*. Ariel, Barcelona 1997.